

**BLÁZQUEZ, Gustavo. 2012. *Los actos escolares: el discurso nacionalizante en la vida escolar*. Buenos Aires: Miño y Dávila. 271 pp.**

Amurabi Oliveira  
UFSC

O trabalho de Gustavo Blázquez, *Los actos escolares: el discurso nacionalizante en la vida escolar*, pode chamar a atenção dos leitores brasileiros inicialmente por se voltar para um campo que, ainda pouco consolidado aqui, possui outra tradição intelectual na Argentina: o da antropologia da educação. Vale destacar as pesquisas realizadas pelo Programa de Antropologia e Educação da Universidade de Buenos Aires, que desde 1992 tem articulado as discussões nessa seara no país vizinho.

Trata-se de um livro que possui certa heterogeneidade por abarcar duas pesquisas realizadas na segunda metade dos anos de 1990. A primeira parte resulta de uma pesquisa de mestrado em investigações educativas da Universidade Nacional de Córdoba, cuja etnografia foi realizada em 1995. A segunda parte resulta de uma dissertação de mestrado em antropologia social defendida no Museu Nacional em 1998. Diferentemente do primeiro trabalho, este segundo volta-se primordialmente para os “nativos de papel”, como o autor denomina, utilizando-se largamente da obra de Norbert Elias (1897–1990) para o processo de investigação por meio de diversas fontes da “sociogênese do ato escolar”.

A primeira parte do livro está organizada em cinco capítulos, que possibilitam ao leitor, especialmente o não argentino, se situar no panorama histórico dos denominados atos escolares, que são definidos pelo autor desde a introdução como “[...] un tipo de representación dramática realizada en las escuelas en ocasión de una serie de fechas establecidas oficialmente y de acuerdo con formas también sancionadas por las autoridades estatales” (:13). Seria por meio de tais atos que se recordariam os acontecimentos históricos e se confirmariam os valores cívicos fundantes da argentinidade.

Blázquez recua no tempo e inicia sua discussão ainda no século XIX, quando ocorre a chamada Revolução de Maio, que remete à emancipação política do então vice-reinado do Prata, com o subsequente advento da Argentina como país. Porém, seu olhar não se volta necessariamente para os grandes acontecimentos, mas sim para os fenômenos cotidianos que passam a se desenrolar nessa nova realidade, com ênfase naqueles que envolvem as crianças escolarizadas e na

participação delas nas comemorações que se sucedem. A hipótese que o autor levanta e vai tentando demonstrar por meio de uma etnografia histórica é a de que o Estado passa a se constituir performaticamente a partir do final do século XIX e início do século XX. Mais que isso, Blázquez preocupa-se em demonstrar que as crianças não eram apenas “figurantes” nesse processo, mas agentes que produziam uma conduta exemplar a ser seguida pelos adultos; essa conduta forjava uma dada concepção de nacionalidade, construindo performaticamente o Estado e tendo seu ápice nas comemorações de maio. É importante frisar ainda o ponto de vista assumido de que o processo de instauração do Estado é sempre inconcluso, de tal modo que as performances vivenciadas no espaço escolar constituem esse *continuum*. Inclusive, essa performance possibilita uma objetivação da pátria que ganha forma nos corpos dos sujeitos nas chamadas “peregrinações patrióticas”, desfiles realizados por alunos, passando por pontos geográficos da cidade que também adquiriam significado nesse processo de construção nacional.

O autor finaliza a primeira parte focando as atividades realizadas durante o centenário da independência da Argentina, cuja celebração implicou o desenvolvimento de várias “técnicas de nacionalização” que se relacionavam diretamente com o ambiente escolar, principalmente por meio da nacionalização do currículo e da promoção das performances patrióticas. É interessante o destaque dado à chamada “Educação Patriótica”, que visava “[...] superar la limitación de la enseñanza de los valores nacionales que estaba vinculada sólo a ciertas asignaturas que funcionaban como *locus* de la Nación en la escuela” (:131). Por meio desse novo espaço na escola, a performance da nação iria além de festejos pontuais, que se concentravam nos meses de maio e junho.

Na segunda parte, estruturada em mais cinco capítulos e um epílogo, o foco recai sobre como os atos escolares se inserem em uma rede de relações mais amplas. Os intercâmbios são classificados entre aqueles que “[...] conducen a la producción del acto y aquellos que, en forma de evaluación, se realizan con posterioridad a la performance escénica” (:151). No primeiro grupo de intercâmbio, encontramos: a) aqueles realizados entre as professoras, com destaque para a circulação de textos utilizados para produzir performances; b) os que envolviam as professoras e os familiares, ficando a centralidade da ação a cargo das professoras, que em última instância, por meio da seleção dos papéis que as crianças ocupariam nos atos escolares, definiam o lugar social de cada criança (e família); c) os vivenciados entre os familiares, que se davam principalmente na confecção dos trajes para as comemorações patrióticas, bem como na circulação de equipamentos fotográficos, por exemplo; e d) aqueles entre os alunos, que se davam de forma bastante

complexa, tendo em vista que o modo com que participavam se modificava à medida que eles passavam a ter outras vivências escolares.

Os intercâmbios de avaliação podem se referir a uma avaliação imediata, que se substanciava principalmente por meio dos agradecimentos da performance executada, ou de forma mediada, que se referia ao “concepto”. Este último era uma nota outorgada pela diretora ao final do período letivo, que constava em uma ficha detalhada. Nessa ficha, a elaboração dos atos escolares não representava um item específico posto de forma explícita, mas era, no final das contas, um dos pontos de maior relevância na avaliação.

O autor realiza ainda um exercício comparativo entre os atos patrióticos escolares do século XIX e aqueles etnografados em 1995, chegando à conclusão de que, por meio desses atos, o passado se fazia presente, reforçando um discurso nacionalizante. Cada performance, observada nas diversas escolas, elabora uma leitura do mundo colonial e dos acontecimentos ocorridos na Revolução de maio, que se materializava nas práticas dos alunos. Por exemplo, os rituais voltados à bandeira, especialmente a “Promesa a la Bandera”, são interpretados como ações de caráter sacrificial: nesses momentos, os alunos realizam uma performance bastante emotiva na qual juram sacrificar sua própria vida pela comunidade nacional, o que é analisado em termos de violência performativa.

Ao final, o autor fixa-se de forma mais clara na etnografia atual de três escolas, analisando como os atos escolares, que se referem tanto à celebração da fundação da cidade de Córdoba quanto à declaração da independência, colaboram para a construção de um imaginário nacionalizante. Por meio dessa descrição, o leitor pode apreender como o “nós” emerge das práticas escolares, especialmente desses atos performativos; fica evidente que, longe de configurar algo dado, a ideia de nação é construída e reconstruída continuamente, e o que Blázquez faz é apontar o lugar da escola nesse processo.

O trabalho de Blázquez mostra-se relevante não apenas por se aventurar na antropologia da educação, campo de investigação ainda pouco explorado, mas também por realizar um contínuo e vigoroso esforço de relacionar as práticas cotidianas vivenciadas na escola com a construção do Estado-Nação. Este emerge dos atos escolares descritos, seja no caso daqueles que foram investigados por meio das fontes históricas, seja no dos que surgiram no trabalho de campo contemporâneo. Seguindo a esteira inaugurada por Norbert Elias, podemos afirmar que Blázquez nos demonstra o lugar central ocupado pela escola e pelas crianças no processo civilizador.